



PERFIL DO FONEMA /R/ EM CODA SILÁBICA NO FALAR AMAPAENSE

PROFILE OF THE PHONEME /R/ IN SYLLABIC CODA
IN THE SPEAKING AMAPAENSE

Romário Duarte Sanches¹

Universidade do Estado do Amapá

Loerhana Geisielle Quintela Miranda Camarão²

Universidade do Estado do Amapá

Resumo: O objetivo deste trabalho é descrever o perfil do fonema /R/ em coda silábica no falar amapaense, identificando a variação diatópica, diassexual e diageracional. Como aparato teórico, tem-se a Dialetoлогия e a Geolinguística (CARDOSO, 2010), além de trabalhos que tratam do comportamento do /R/ no português brasileiro. A metodologia empregada nesta pesquisa segue o mesmo parâmetro do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), com foco na carta fonética F05, correspondente ao /R/ em posição interna com realização glotal. Os vocábulos fonéticos analisados foram: *torneira, gordura, fervendo, árvore, borboleta, tarde, catorze, pernambucano, certo, perdão, perfume, dormindo, perda, perguntar e esquerdo*. Os resultados mostraram que 83% dos amapaenses entrevistados utilizam o /R/ glotal e 17% não fizeram uso.

Palavras-Chave: Dialetoлогия; Geolinguística; Variação fonética.

¹ Endereço eletrônico: romariodsanches@gmail.com.

² Endereço eletrônico: loerhanaquintela@gmail.com.

Abstract: *The objective of this work is to analyze the profile of the phoneme /R/ in syllabic coda in speaking amapaense, identifying the diatopic, diassexual and diagerational variation. As a theoretical apparatus, there is Dialectology and Geolinguistics (CARDOSO, 2010), in addition to works that deal with the behavior of /R/ in Brazilian Portuguese. The methodology used was the same as in the Linguistic Atlas of Amapá - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), using the phonetic map F05, corresponding to the /R/ in an internal position with glottal realization. The phonetic words analyzed were: torneira, gordura, fervendo, árvore, borboleta, tarde, catorze, pernambucano, certo, perdão, perfume, dormindo, perdida, perguntar and esquerdo. The results showed that 83% of the interviewed amapaense people use the /R/ in a glottal position and 17% did not use it.*

Keywords: *Dialectology; Geolinguistics; Phonetic variation.*

INTRODUÇÃO

A língua é uma das principais formas usadas para caracterizar um povo. As peculiaridades em torno dos usos linguísticos, como o acento (sotaque), servem para identificar, por exemplo, se estamos diante de um falante nortista ou sulista, jovem ou idoso, homem ou mulher, imigrante ou migrante, e assim por diante.

O estudo do português falado no Amapá, sob um viés linguístico, iniciou há pouco tempo, cerca de duas décadas. Ainda são poucos os trabalhos realizados no Estado com foco na descrição do português amapaense, contudo, já podemos contar com esse acervo bibliográfico como ponto de partida para novos estudos.

Um dos principais trabalhos linguísticos sobre o falar amapaense é o *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP*. O ALAP traz à tona vários mapas linguísticos sobre o falar do amapaense; no entanto, esses mapas carecem, ainda, de uma análise geossociolinguística dos dados. Visando suprir tal necessidade, o presente artigo tem por objetivo descrever a variação fonética do fonema /R/ em coda silábica no português falado no Amapá.

Para execução da pesquisa, utilizamos como referencial teórico os estudos nas áreas da Dialetologia, Geolinguística e Geossociolinguística, como os de

Cardoso (2010), Razky (2010), Romano (2013) e Sanches (2015). Em relação aos estudos fonéticos sobre o tema proposto, temos os estudos de Ribeiro (2008), Brescancini e Monaretto (2008), Gregio (2012), Costa (2015), Callou, Serra e Cunha (2015), Mota (2016), Callou e Brandão (2016), Antunes e Lurdes (2016), Guedes (2017), Oliveira (2018), Almeida (2018) e Schwindt e Chaves (2019).

O artigo encontra-se dividido da seguinte maneira: i) tratamos de situar o leitor acerca do tema proposto; ii) mostramos os conceitos gerais da Dialectologia, Geolinguística e Geossociolinguística que deram suporte à pesquisa; iii) apresentamos o *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP*; iv) fizemos o levantamento de pesquisas sobre variação fonética na intenção de compreender os dados fonéticos do ALAP e auxiliar na comparação com outros dados de mesma natureza; v) apresentamos a metodologia da pesquisa, bem como a carta e os vocábulos fonéticos analisados; vi) discutimos os resultados com base em dados quantitativos sob a perspectiva da Geolinguística; e vii) mostramos nossas considerações finais diante dos resultados constatados na pesquisa.

1 DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Para Cardoso (2010), a Dialectologia é um segmento da linguística que visa identificar, descrever e situar os usos da língua nos mais diversos aspectos, tais como em sua distribuição geográfica, cultural e temporal. A Dialectologia, vista desse modo, estuda os usos linguísticos possibilitando a intercomparação das variedades linguísticas por meio de mapas linguísticos, e tem como intuito, prioritário, a descrição linguística de comunidades de fala em diferentes espaços geográficos, revelando, assim, características socioculturais dos falantes e do local estudado.

Sanches e Ribeiro (2018) mencionam a Dialectologia brasileira como uma área de estudo que atualmente tem sua história classificada em quatro fases. Os

autores utilizam a literatura de Ferreira e Cardoso (1994) para mostrar que a primeira fase corresponde às obras de caráter especificamente lexicográfico e está compreendida de 1826 a 1920, a segunda abrange a produção de obras de cunho dialetal que vai de 1921 a 1952, a terceira fase se dá no período de 1963 a 1996 e exhibe pesquisas de cunho geolinguístico e publicações de atlas linguísticos estaduais, e a quarta fase refere-se ao período de 1996, com os trabalhos dialetais/geolinguísticos elaborados a partir dos pressupostos do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, e segue até os dias atuais.

Sobre a Geolinguística, esta consiste em apresentar dados linguísticos sob a forma de mapa ou carta, distribuindo-se por pontos espacialmente identificados (CARDOSO, 2010). Enquanto método da Dialetologia, a Geolinguística ajuda a sistematizar a coleta de dados, organizando os instrumentos de pesquisa e delimitando os grupos de informantes, além de auxiliar no mapeamento geolinguístico dos dados coletados *in loco*.

A Geolinguística surge na Europa, com os trabalhos de Georg Wenker (1881) e Jules Gilliéron (aproximadamente 1910), com o *Atlas Linguístico da Alemanha* e o *Atlas Linguístico da França*. Como trabalhos pioneiros, esses atlas receberam críticas acerca das lacunas metodológicas encontradas em ambos. O que se entende por Geolinguística nos dias de hoje passou por fases de aperfeiçoamento do método e, conseqüentemente, do controle de dados linguísticos (SANCHES, 2015).

Em nível de Brasil, temos na literatura, conforme Romano (2013), a proposição de estudos geolinguísticos divididos em dois momentos, antes e depois do ALiB. No primeiro momento, encontram-se as publicações de atlas linguísticos estaduais, que se diferenciam por questões metodológicas e por serem trabalhos monodimensionais. Dos atlas publicados nesse primeiro momento tem-se o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI *et al.*, 1963), o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977), o *Atlas Linguístico da*

Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984), *Atlas Linguístico do Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (Koch et al., 2002/2011), o *Atlas Linguístico do Ceará* (BESSA, 2010) e o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005).

No segundo momento, encontram-se os atlas que foram publicados após o início das pesquisas realizadas para o ALiB. Esses atlas trazem uma uniformidade metodológica e uma perspectiva pluridimensional. Nesse momento encontram-se também atlas de pequeno domínio. Na lista de atlas pertencentes ao segundo momento da geolinguística brasileira e já publicados, tem-se o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004), *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007), *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008), *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás* (AUGUSTO, 2012), *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013), *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY, RIBEIRO, SANCHES, 2017) e outros.

Em meio às discussões sobre Dialetoologia e Geolinguística, há a perspectiva da Geossociolinguística, emergida a partir das contribuições da Geolinguística e da Sociolinguística, considerando que a primeira priorizava a variação diatópica e a segunda a variação social (RAZKY, 2010). Essa nova vertente do campo da Dialetoologia foi utilizada pela primeira vez no trabalho dos professores e pesquisadores Maria do Socorro Cardoso e Abdelhak Razky no ano de 1997, dando título ao *Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará* (CARDOSO; RAZKY, 1997), partindo da necessidade de uma perspectiva que compensasse os limites entre a Sociolinguística e a Geolinguística.

Na Geossociolinguística assim como na Geolinguística conta-se com um menor número de informantes e uma maior abrangência territorial, e como na Sociolinguística, acrescentaram-se os fatores sociais como idade, sexo, grau de escolaridade, entre outros, que passaram a ser considerados fundamentais para compreensão dos fenômenos linguísticos.

2 O ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ – ALAP

A história do Estado do Amapá é marcada por meio dos confrontos e disputas territoriais, dentre elas espanhola, holandesa, inglesa, francesa e portuguesa, antes de sua criação como território brasileiro. Na região do Estado, havia, predominantemente, populações indígenas de grupos linguísticos diferentes, e diante de todo o contexto de colonização e expansão, além da escravização de negros e índios, houve um contato maior com outras culturas, povos e línguas diferentes ao que se tinha ali.

O Amapá foi legitimado como território federal a partir do Decreto Federal nº 5.812, de setembro de 1943 e promulgado em 1988, com a Constituição Federal Brasileira. O Estado é constituído por 16 municípios e possui, de acordo o IBGE (2020), uma estimativa de 861.773 habitantes.

Na área da Linguística, o Estado vem ganhando reconhecimento local e nacional, principalmente, a partir do *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP*, organizado pelos professores Abdelhak Razky (UFPA), Celeste Ribeiro (UNIFAP) e Romário Sanches (UEAP).

O Projeto ALAP foi idealizado em meados de 2008 e concretizado com sua publicação em 2017, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, e utilizando como base metodológica a Dialetoologia Pluridimensional ou a Geolinguística Moderna (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

O ALAP conta com a contribuição de 40 informantes distribuídos em dois grupos, compreendendo faixa etária e sexo. Esses informantes são naturais da região, não estiveram afastados por mais de um terço de sua vida do local de origem e, ainda, são semianalfabetos ou com nível fundamental incompleto. O objetivo principal do ALAP constituiu em fazer:

[...] a descrição e o mapeamento do português brasileiro falado em 10 localidades do estado do Amapá, procurando evidenciar as variedades linguísticas voltadas aos aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais característicos de cada localidade. (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017, p. 304)

Em geral, o ALAP apresenta a cartografia linguística de fenômenos fonéticos e lexicais. A obra não contém análise das cartas, isto é, dos fatores que influenciam as particularidades linguísticas na fala de amapaenses. Essa análise está dispersa em artigos científicos publicados, monografias e dissertações defendidas. A organização do livro contempla 11 partes: prefácio, introdução, o Estado do Amapá, os municípios de pesquisa, metodologia, cartas introdutórias, cartas fonéticas, cartas lexicais, cartas estratificadas, referências e agradecimentos.

3 O FONEMA /R/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Segundo Callou e Brandão (2016), os róticos são conhecidos por sua considerável variabilidade entre as línguas do mundo. Em português, do ponto de vista fonológico, a identificação de uma chamada tepe, como em ca[r]o, em oposição a uma chamada vibrante múltipla, como em ca[r̃]o – apenas no contexto intervocálico – não oferece dificuldade.

Do ponto de vista fonético, no entanto, a identificação do tipo de realização da chamada vibrante forte já não é tão simples, dada a sua variabilidade, principalmente, se compararmos os falares de diferentes regiões, pois ela pode ocorrer de cinco formas diferentes, incluindo o apagamento fonético. Assim, em português, um rótico pode estar na forma de:

- i) vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora; ii) vibrante múltipla posterior sonora (uvular, de preferência); iii) fricativa velar surda (diante de

consoante sonora pode realizar-se como sonora); iv) fricativa glotal (aspiração); e v) zero fonético, em posição de coda silábica externa. (CALLOU; BRANDÃO, 2016, p. 106)

Cagliari, em sua Tese, *Elementos da Fonética do Português Brasileiro*, defendida em 1981, afirma que:

No dialeto carioca e no Nordeste do Brasil é comum a ocorrência de fricativas velares, onde no dialeto mineiro ocorrem as fricativas glotais e em certos dialetos ocorrem vibrante. No dialeto paulista é comum ouvir quer a vibrante, quer as fricativas velares. (CAGLIARI, 1981, p. 25)

Sobre os trabalhos acerca do fonema /R/, têm-se inúmeros estudos realizados ao longo dos anos, tendo em vista a diversidade linguística e as possibilidades de realização desse fonema. Abaixo, comentaremos brevemente algumas pesquisas desenvolvidas na área da Linguística (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; GREGIO, 2012; CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015; ANTUNES; LURDES, 2016; OLIVEIRA, 2018; ALMEIDA, 2018; MOTA, 2016), com foco especial para a pesquisa de Ribeiro (2008) e de Costa (2015), uma vez que esses dois trabalhos ajudarão a traçar uma possível tendência do perfil do fonema /R/ na Região Norte do Brasil, sobretudo no Amapá.

A primeira pesquisa citada aqui é de Brescancini e Monaretto (2008) sobre os róticos no Sul do Brasil. O estudo foi feito com base em outras pesquisas já realizadas a partir dos dados de fala do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). De modo geral, as autoras observaram que os resultados dessas pesquisas revelaram que na fala sulista predomina a presença de variantes anteriores (vibrantes e fricativas), tanto em posição de ataque como em coda. E que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba.

Em relação ao trabalho de Gregio (2012), seu objetivo foi investigar, por meio de dados acústicos, as produções das variantes dos sons do /R/ em posição

de coda silábica³ em uma amostra de fala de 14 sujeitos nascidos no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Os resultados mostraram que os indivíduos das cidades de João Pessoa (PB), de Quiterianópolis (CE), de Belo Horizonte (MG), do Rio de Janeiro (RJ) e de Santos (SP) utilizam a variante fricativa. Os falantes da cidade de Porto Alegre (RS) utilizam a variante tepe, e os falantes das cidades de São Paulo (SP) e do interior de São Paulo (Jacareí e Atibaia) usam a variante aproximante retroflexa [ɹ].

Já no estudo de Callou, Serra e Cunha (2015), elas analisam o processo de apagamento do /R/ em posição de coda medial e final em nove capitais do Nordeste brasileiro, localidades que compõem os pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). As autoras concluíram, comparando estudos realizados na Região Sudeste e Sul do país, que o apagamento do /R/ está relacionado às mudanças na articulação da consoante, ocasionando um gradativo processo de enfraquecimento e conseqüentemente o apagamento do rótico [Ø].

Na pesquisa de Antunes e Lurdes (2016), as autoras analisam o fonema /R/ em coda silábica no falar de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha (cidades de Minas Gerais). Para cada localidade, foram selecionados um homem e uma mulher, de 18 a 35 anos, com ensino superior, totalizando 6 informantes. O registro dos dados deu-se por meio da leitura de um texto e entrevista *in loco*. Como resultados, as autoras identificaram que o fator social sexo pode ter influenciado a produção dos sons retroflexos, pois somente um informante homem fez uso de sons fricativos. Elas observaram também que a realização retroflexa do /R/ ocorreu predominante nas localidades de Uberlândia e Varginha, enquanto em Patos de Minas o uso mais frequente foi do som fricativo.

Mota (2016) estudou a realização das fricativas laríngeas para o rótico em coda silábica interna ou externa nos aspectos fônicos do português falado no

³ Termo adotado pela Fonologia Autossegmental para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal (SILVA, 2011, p. 75).

Brasil. A autora utilizou-se dos dados do ALiB e constatou que, nas capitais do Norte e Nordeste e em Belo Horizonte (no Sudoeste), houve a realização da fricativa glotal em coda silábica, tanto interna (no meio de palavra como em *porta*) como externa (no final de palavra como em *cantor*), de forma predominante.

Guedes (2017) apresentou, em um dos capítulos de sua Tese, a variação do /R/ em coda silábica externa (presença X ausência em verbos) e analisou uma carta do ALiB em comparação com os dados do Projeto Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI). No ALiB, têm-se a realização de fricativas velar, glotal e do apagamento do rótico, tidas como marcas características do português no Norte e Nordeste do Brasil, e no ALiPAI os resultados coletados nas áreas indígenas refletem a mesma tendência do fonema /R/ usado na língua portuguesa no Norte e no Nordeste do Brasil.

O estudo de Oliveira (2018) buscou investigar a realização do rótico em posição de coda silábica externa, utilizando dados coletados pelo ALiB, comparando o comportamento linguístico de indivíduos de cidades dos três Estados da Região Sul do Brasil, Caçapava do Sul e Santa Maria (RS); Criciúma e Lages (SC); Guarapuava e Campo Mourão (PR). Os resultados obtidos apontaram para a ocorrência da aproximante retroflexa [ɹ] e o tepe [r] como as mais frequentes em verbos (*varrer, botar, montar, trabalhar, rasgar, beijar, encontrar, perguntar e sair*) e em não verbos (*colher, liquidificador, calor e mulher*), além de altos índices de apagamento do fonema /R/ em verbos em todas as localidades pesquisadas.

Seguindo a mesma perspectiva do trabalho acima mencionado, Almeida (2018) analisou a produção de róticos em posição de coda silábica interna e externa de verbos e não verbos, a partir do *corpus* do ALiB referente à Região Centro-Oeste do Brasil (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás). Os informantes foram estratificados segundo as variáveis sexo e faixa etária, todos com ensino fundamental. A autora constatou que a variante retroflexa foi a mais

produtiva na Região Centro-Oeste, independentemente do /R/ em coda silábica interna ou externa, seguida pela variante glotal. E que o apagamento foi mais frequente em não verbos.

Em seguida, temos o trabalho de Schwindt e Chaves (2019) que investigaram o apagamento de róticos em coda silábica externa no português brasileiro e no espanhol, considerando a morfologia, as bases fonéticas e as variáveis extralinguísticas, como forma de problematizar a hipótese de *Outputs Convergentes* (SCHWINDT, 2015), em que os processos morfossintáticos e fonológicos podem ser considerados para análise de redução fonética ao final de verbos e não verbos. Schwindt e Chaves (2019) constataram que o apagamento de /R/ foi predominante em verbos, sendo observado tanto em português como em espanhol, respondendo positivamente à hipótese de *Outputs Convergentes* e revelando motivação social.

No que tange aos trabalhos realizados no Norte do Brasil, destacamos o estudo de Ribeiro (2008) que analisou a variável /R/ pós-vocálico em posição de coda medial do português falado em cidades dos Estados do Amapá e do Pará, cuja metodologia empregada pela autora seguiu os mesmos pressupostos adotados pelo projeto ALiB. Os resultados obtidos evidenciaram que o /R/ pós-vocálico em coda medial nas cidades estudadas não apresenta um comportamento variável muito grande, assim como em outras cidades do Brasil. Portanto, as realizações que essa variável apresenta não refletem um processo de mudança, e, sim, a predominância da variante fricativa glotal (aspirada) que se realiza nas cidades estudadas quase de forma categórica.

Por fim, o trabalho de Costa (2015), que descreveu e analisou o /R/ em coda silábica interna em dados coletados pelo ALiB em dezoito localidades da Região Norte. Como resultados, ela constatou que apenas três variantes ocorreram com relevância para o estudo: a glotal [h], maior ocorrência no Estado do Pará; o tepe [r], maior ocorrência em Tocantins; e o apagamento [Ø], maior ocorrência no

Acre. Em relação à Região Norte do Brasil como um todo, a variante mais frequente continua sendo a fricativa glotal, seguida do apagamento e, por último, a vibrante simples (ou tepe). Com isso, a autora concluiu que existe um processo de mudança em curso da passagem da variante anterior [r] à variante posterior [h], tendência geral do português do Brasil.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para investigação do objeto de estudo deste artigo, foi utilizada a carta F05 do *Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)* que corresponde à realização glotal do /R/ em coda silábica em posição interna, exibindo em porcentagem a presença e a ausência do fenômeno em 10 localidades do Estado Amapá.

Na carta são descritos os vocábulos selecionados para elaboração do mapeamento fonético. Esses itens fonéticos foram obtidos a partir do Questionário Fonético-Fonológico (QFF)⁴ do ALiB, demonstrando a configuração da variação fonética no Amapá. Os vocábulos pesquisados foram: torneira, gordura, fervendo, árvore, borboleta, tarde, catorze, pernambucano, certo, perdão, perfume, dormindo, perdida, perguntar e esquerdo.

A pesquisa conta com uma amostra de fala de quatro informantes por localidade, divididos em dois grupos: sexo (homem ou mulher) e faixa etária (18-30 anos e 50-75 anos), totalizando 40 informantes⁵.

Sobre a coleta de dados do ALAP, os informantes deveriam enquadrar-se nos seguintes critérios: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro Estado ou Região por mais de um ano; d)

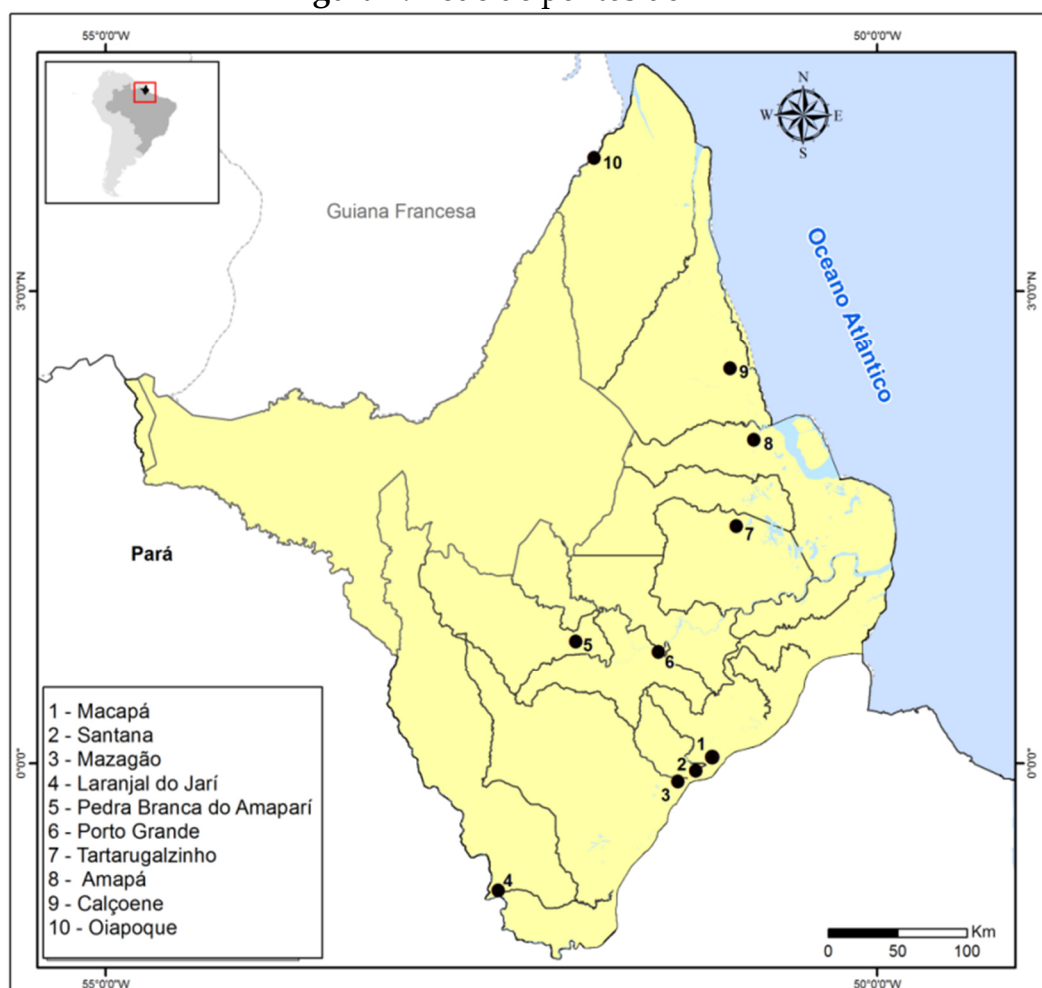
⁴ O QFF contém 159 perguntas que são feitas aos informantes em forma de entrevista. Por exemplo, para obter a resposta *pernambucano*, perguntamos aos informantes da seguinte maneira: Quem nasce na Paraíba é paraibano, e quem nasce em Pernambuco é?

⁵ Para maiores detalhes sobre a pesquisa de campo realizada pela Equipe ALAP consultar o capítulo metodológico do *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY, RIBEIRO, SANCHES, 2017, p. 36-56).

ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao Ensino Fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

Para seleção da rede de pontos do ALAP, Razky, Ribeiro e Sanches (2017) informam que foram considerados os seguintes aspectos: densidade demográfica/populacional, histórica, econômica e sociocultural. Por meio disso, as localidades selecionadas foram: Macapá (1), Santana (2), Mazagão (3), Laranjal do Jari (4), Pedra Branca do Amapari (5), Porto Grande (6), Tartarugalzinho (7), Amapá (8), Calçoene (9) e Oiapoque (10). Abaixo segue a Figura 1, situando cada localidade investigada.

Figura 1: Rede de pontos do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53), adaptado por Sanches (2019).

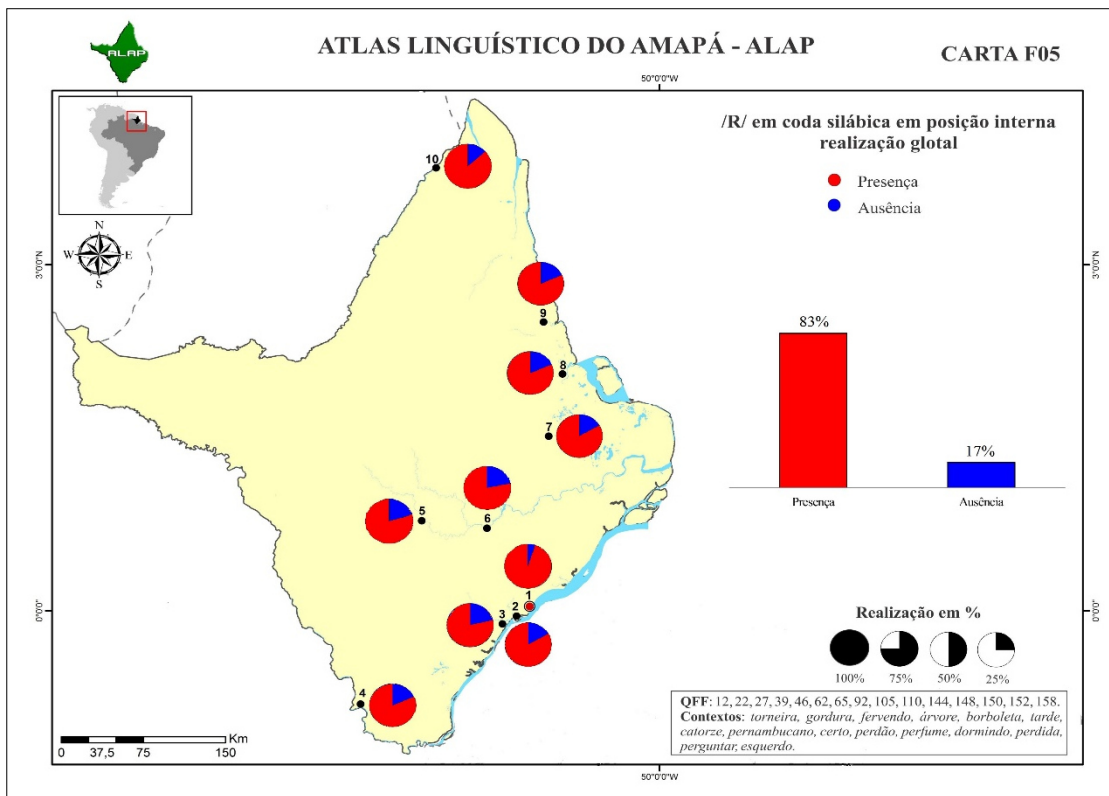
A partir do acesso aos dados do Projeto ALAP, fizemos uma recontagem e triagem detalhada das variantes fonéticas do fonema /R/ e suas ocorrências, discriminando fatores diageracionais e diassexuais. Para o tratamento dos dados foi utilizado o *Software* de criação de planilhas e gráficos *Excel* com o objetivo de identificar as ocorrências e ilustrar a presença ou a ausência do fenômeno em questão, a fim de compreender os fatores extralinguísticos envolvidos na variação do fonema /R/.

5 O FONEMA /R/ EM CODA SILÁBICA NO FALAR AMAPAENSE

Apresentaremos nesta seção os resultados da pesquisa correspondentes à variação diatópica (geográfica), diageracional (idade) e diagenérica (sexo) sobre o fonema /R/ em coda silábica interna com realização glotal, com base na carta F05 do ALAP.

Inicialmente, descreveremos a variação diatópica do fonema /R/ no português falado no Amapá. A Figura 2 mostra o mapeamento do referido fenômeno distribuído em 10 localidades do Estado. A presença da realização do fonema /R/ glotal [h, fi] é marcada na carta F05 pela cor vermelha e sua ausência é marcada pela cor azul.

Figura 2: Carta F05



Fonte: Razky; Ribeiro; Sanches (2017, p. 60), corrigida pelos autores⁶.

Os dados divulgados na carta acima demonstram que a porcentagem geral de realização da fricativa glotal [h, fi] nos pontos pesquisados é de 83%, restando, assim, 17% de não realização das variantes fonéticas supracitadas. É importante ressaltar que na verificação e recontagem dos dados fonéticos, observamos que havia uma pequena alteração na porcentagem geral publicada na carta F05; nesse sentido, fizemos as devidas correções para análise do fenômeno.

Dentre os 10 pontos, destacamos os que mais realizam o fenômeno e os que menos o fazem. Com isso, o ponto 01 (Macapá) apresentou maior índice de ocorrência da fricativa glotal com 95%, e os pontos 03 (Mazagão), 05 (Pedra Branca do Amapari) e 06 (Porto Grande) apresentaram um número maior de ocorrência para não realização da fricativa glotal, entre 20% e 22%. Para

⁶ No processo de recontagem das ocorrências, verificamos que houve uma pequena alteração (3%) em relação à porcentagem geral de presença e ausência do fonema /R/. A carta F05 publicada consta com 86% de presença e 14% de ausência.

sintetizar, na Tabela 1, apresentamos a ocorrência em porcentagem do fonema /R/ em coda silábica e sua realização no ponto de inquérito pesquisado.

Tabela 1: Variação diatópica

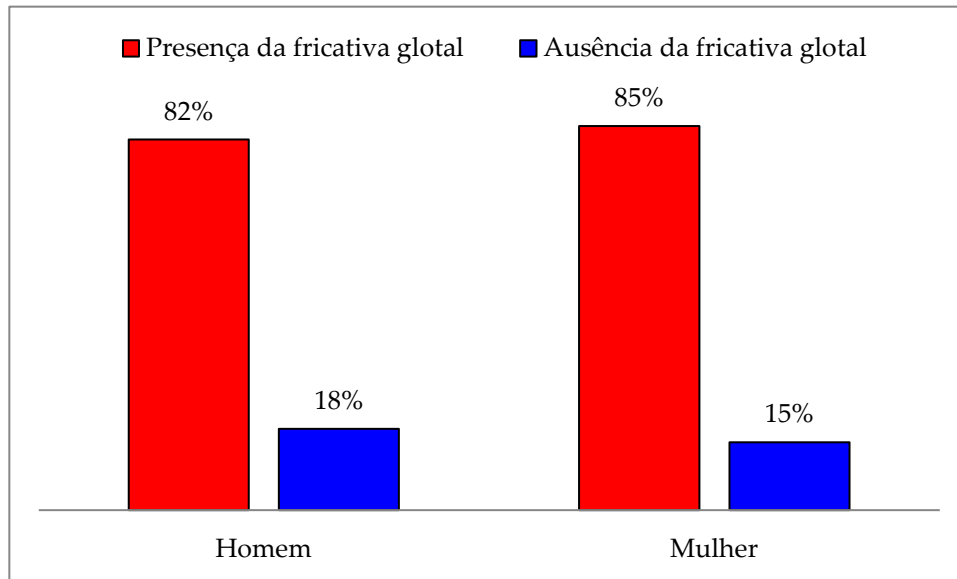
Localidades	Realização da fricativa glotal ([h] [ɦ])	Não realização da fricativa glotal
	%	%
01 – Macapá	95%	5%
02 – Santana	83%	17%
03 – Mazagão	79%	21%
04 – Laranjal do Jari	82%	18%
05 – Pedra Branca do Amapari	80%	20%
06 – Porto Grande	78%	22%
07 – Tartarugalzinho	83%	17%
08 – Amapá	82%	18%
09 – Calçoene	82%	18%
10 – Oiapoque	87%	13%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A frequência de realização da fricativa glotal ([h, ɦ]) e sua não realização está discriminada na Tabela 1 conforme a distribuição por localidade. O ponto 01 (Macapá) mostra os valores de 95% de presença e 5% de ausência, os pontos 02 (Santana) e 07 (Tartarugalzinho) obtiveram 83% de presença e 17% de ausência, o ponto 03 (Mazagão) apresenta 79% de presença e 21% de ausência, o ponto 04 (Laranjal do Jari), 08 (Amapá) e 09 (Calçoene) apresentam 82% de presença e 18% de ausência, o ponto 05 (Pedra Branca do Amapari) ocorreu com 80% de presença e 20% de ausência, o ponto 06 (Porto Grande) mostra 78% de presença e 22% de ausência, e, por último, o ponto 10 (Oiapoque) que obteve 87% de presença e 13% de ausência do fenômeno.

Quanto às variáveis sociais, analisamos o fator sexo e idade, para saber se há influência ou não da presença ou ausência da fricativa glotal na fala de homens e mulheres de faixas etárias distintas. O Gráfico 1 mostra os dados obtidos para variação diasssexual (homens e mulheres).

Gráfico 1: Variação diasssexual

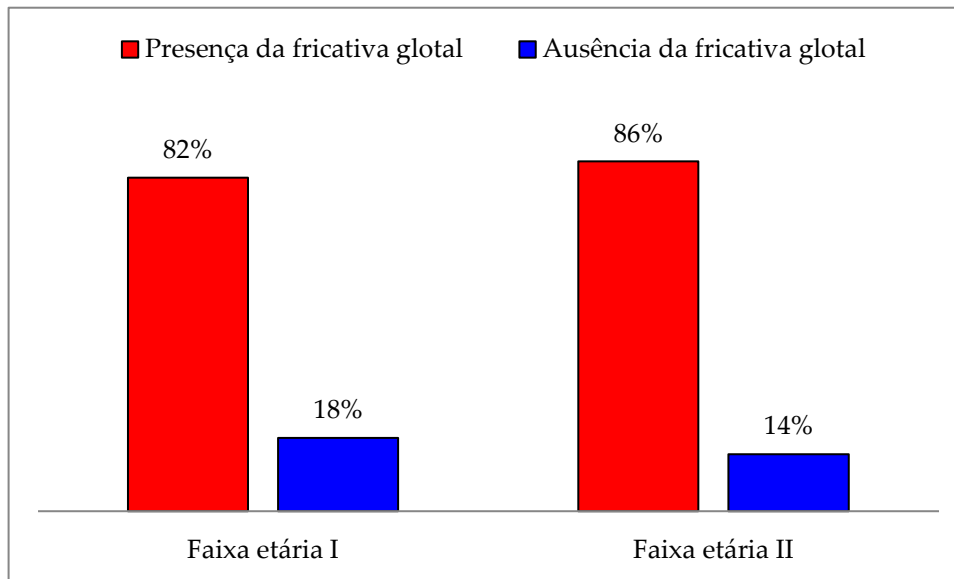


Fonte: Elaborado pelos autores.

Constatamos a partir dos dados acima que o grupo responsável pelo maior número de realizações da fricativa glotal foi o das mulheres, com 85% de frequência, em comparação ao grupo dos homens com 82% de frequência. Apesar dos números não se mostrarem tão divergentes, esses resultados podem indicar que as mulheres tendem a manter a fricativa glotal, nos vocábulos investigados, mais do que os homens, que tendem a apagar ou substituir essa fricativa por outras variantes fonéticas, como veremos no Gráfico 3.

Em relação à variação diageracional (faixa etária I e faixa etária II), o Gráfico 2 mostra a realização e não realização da fricativa glotal na fala de informantes entre 18-30 anos e entre 50-75 anos.

Gráfico 2: Variação diageracional

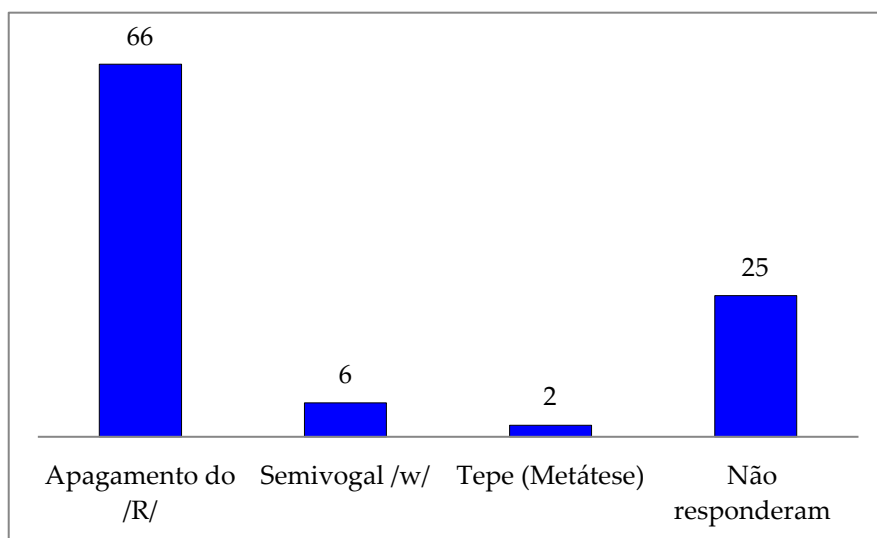


Fonte: Elaborado pelos autores.

No Gráfico 2, podemos notar resultados similares aos encontrados no Gráfico 1, em que a margem de diferença em porcentagem é baixa, mas significativa. O grupo etário I apresenta 82% da fricativa glotal e 18% de ausência. O grupo etário II mostra um maior número de realização da fricativa glotal com 86% de frequência e 14% de não realização. Esses resultados também podem indicar que a presença da fricativa glotal foi realizada com maior ocorrência na fala de informantes do grupo etário II, e a não realização parece se destacar na fala de informantes do grupo etário I.

Para finalizar a apresentação e discussão dos resultados, investigamos também os fatores que implicaram na ausência da fricativa glotal na fala de amapaenses. A primeira constatação é a de que a ausência da fricativa glotal, expressa na Figura 2, com 17% de frequência, diz respeito à realização do apagamento do fonema /R/, à substituição do /R/ por uma semivogal /w/, à substituição da fricativa glotal ([h, fi]) pelo tepe [r] em processo de metátese e a não resposta ao Questionário Fonético-Fonológico. Como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3: Ocorrências para ausência da fricativa glotal



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme o gráfico acima, o apagamento do fonema /R/ obteve 66 ocorrências, especificamente, nos vocábulos: *fervendo* > *fe[Ø]vendo*, *árvore* > *á[Ø]vore*, *borboleta* > *bo[Ø]boleta*, *catorze* > *cato[Ø]ze*, *pernambucano* > *peØnambucano*, *perfume* > *pe[Ø]fume*. A realização da semivogal /w/ em lugar do fonema /R/ obteve 6 ocorrências nos vocábulos: *fervendo* > *fe[w]vendo*, *árvore* > *á[w]vore*, *borboleta* > *bo[w]boleta*. No caso da realização da variante tepe [r], o número reduziu para 2 ocorrências no vocábulo *fervendo*. Vale ressaltar que essa variante se deu em decorrência do processo de metátese, isto é, esperava-se que o informante pronunciasse *fe[h]vendo*, no entanto, o fonema /R/ antecedeu a vogal [e] e transformou-se em tepe, sendo pronunciado *f[r]evendo*. Por último, constatamos que houve 25 ocorrências de não respostas, ou seja, os informantes não responderam ao item fonético investigado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados alcançados, constatamos que o perfil fonético do fonema /R/ em coda silábica no português falado no Amapá consistiu no uso

predominante da fricativa glotal ([h, fi]). O que já havia sido constatado, parcialmente, nos trabalhos de Ribeiro (2008) e Costa (2015), que investigaram esse mesmo fenômeno nas localidades de Macapá e Oiapoque.

Sobre a variação diasssexual e diageracional, observamos que independente do sexo do informante e de sua faixa etária, o fonema /R/ em coda silábica foi realizado como fricativa glotal, contudo, foi possível também perceber que há uma leve tendência de uso dessas fricativas na fala de informantes mulheres e de informantes do grupo etário II. Quanto à ausência desse fenômeno, representado pelo apagamento, pela substituição do /R/ por uma semivogal /w/, pela substituição da fricativa glotal ([h, fi]), pelo tepe [r] em processo de metátese e pela não resposta ao QFF, tende a ocorrer mais na fala de informantes do sexo masculino e de primeira faixa etária. Vale lembrar que para confirmarmos essas tendências de uso, *a priori*, necessitamos de uma coleta mais ampla dos dados fonéticos, e, posteriormente, uma análise estatística (Sociolinguística variacionista) dos dados com base em programas computacionais apropriados, e à luz de teorias fonológicas. Assim, esperamos em breve poder ampliar a pesquisa, analisando os fatores internos à língua que condicionam a realização ou não realização das fricativas glotais no português falado no Amapá.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ANTUNES, L. B.; LOURDES, R. L. de. A variação do fonema /r/ em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha. *Caletroscópio*. Ouro Preto-MG, v. 4, n. 7, p. 207-230, jul./dez. 2016.
- ALMEIDA, E. de F. de. *Os róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil*. 2018. 244f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- ALMEIDA, F. C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 157 p. Tese (Doutorado

em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

AUGUSTO, V. L. *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, 2012.

BESSA, J. R. F. (Org.). *Atlas Linguístico do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/2, p. 51-66, dez. 2008.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1981. 194 f. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística – IEL. Unicamp, Campinas, 1981.

CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S. F. Caracterização de áreas dialetais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (Orgs.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 97-122.

CALLOU, D. I.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 195-219, jan./jun. 2015.

CARDOSO, S. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Salvador: EUFBA, 2005.

CARDOSO, S. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S.; RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: o projeto piloto. *Asas da palavra*, UNAMA, n. 4, v. 7, p. 97-100, dez. 1997.

COSTA, F. A. B. da. *A variação do /R/ em coda silábica interna no norte do Brasil: um estudo Geossociolinguístico*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

CRUZ, M. L. C. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, C., ROSSI, N.; FREITAS, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; MOTA, J. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. *Revista Intercâmbio*, São Paulo: LAEL/PUCSP, p. 80-94, 2012.

GUEDES, R. J. da C. *Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão: Tomo I*. 2017. 297 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2017.

IBGE. Amapá. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama>. Acesso em: 08 out. 2020.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].

MOTA, J. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. In: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (Orgs.). *A Fala Nordestina: Entre a Sociolinguística e a Dialectologia*. São Paulo: Editora Blucher, 2016. p. 58-73.

OLIVEIRA, D. P. de (Org.). *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, I. da C. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto ALiB*. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

RAZKY, A. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. *Lenguaje* (Universidad del Valle), v. 32, p. 313-330, 2010.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, C. M. da R. *A variável (r) posvocálica medial nos estados do Amapá e Pará: Um estudo Geossociolinguístico*. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. L.; PASSIO, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROMANO, V. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretexto*, Londrina, v. 13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N.; ISENSÉE, D. M.; FERREIRA, C. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, R. D. *Análise Geossociolinguística dos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá*. 2015. 146f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, 2015.

SANCHES, R. Variação fonético-fonológica no Amapá uma proposta de análise geossociolinguística. *MOARA*, v. 4, p. 150-164, 2019.

SANCHES, R.; RIBEIRO, C. Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena. In: SÁ, E.; OLIVEIRA, M.; SANCHES, R. *Diversidade linguística em comunidades tradicionais: homenagem à Suzana Cardoso*. São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 193-217.

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. Convergência de processos no apagamento de /r/ em português e espanhol. *Lingüística*, v. 35, n. 1, p. 129-147, jun. 2019.

SCHWINDT, L. C. Um output, dois processos. *Revista da Abralín*, n. 1, v. 4, p. 551-568, jan./ago., 2015.

SILVA, T. C. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 25 de agosto de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 28 de janeiro de 2021.